

## SER JOVEM RIBEIRINHO NA ESCOLA: DESAFIOS, EXPERIÊNCIAS E (CON)VIVÊNCIAS JUVENIS NO ENSINO MÉDIO

Vanessa Afonso da Silva <sup>1</sup>  
Aline Silveira Machado <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O conceito de juventude, ao longo da história, foi abordado em discursos e debates sob diferentes pontos de vista, dando margem para o surgimento de diversas compreensões e definições do termo. Há concepções de juventude que a definem como uma faixa etária especificamente determinada pelo relógio biológico, ou como uma fase de transição/preparação para a vida adulta e/ou como fase de rebeldia, de problemas e transgressão às regras. É importante ressaltar ainda que, embora não haja uma única definição, os conceitos e compreensões do termo embasam, por exemplo, políticas públicas e produções teóricas referentes aos sujeitos jovens. Não obstante, essas definições também implicam no modo como os jovens são socialmente vistos e compreendidos.

Outras ideias e concepções também foram construídas a respeito dos sujeitos jovens. Melhor dizendo, social e culturalmente foram criados e fixados estereótipos que determinam como é “ser jovem”, como os jovens se comportam ou deveriam se comportar e como todos vivenciam essa fase. De acordo com a definição de juventude como fase de transição, todos os jovens vivenciam, do mesmo modo, a juventude como um processo de preparação para se tornar adulto. Segundo a concepção de juventude como fase de problemas, todos os jovens estariam sujeitos irresponsáveis e inconsequentes, causadores de problemas sociais. Embora apresentem diferentes vertentes, tais definições de juventude e descrições dos jovens expressam uma visão homogênea e universalista que ignora, entre outros fatores, a individualidade e

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará - PA, vanessa.afonso18@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará - PA, alinesmachado4@gmail.com.

singularidade dos sujeitos, que despreza o presente vivido e, sobretudo, deslegitima os jovens como sujeitos históricos.

No âmbito escolar, conforme ressalta Camacho (2004), essa visão unilateral dos jovens implica no modo como os professores lidam com o público juvenil. Isto é, há uma tendência em considerá-los meramente como alunos e desconsiderá-los como jovens, que estão na condição de alunos, mas que são diversos, plurais e, ao mesmo tempo, singulares. Assim, devemos considerar que:

os sujeitos focalizados, além de alunos, são, acima de tudo, jovens. A ideia de jovem é construída social e culturalmente e, portanto, muda conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural. Não se pode conceber, pois, uma juventude, mas juventudes (CAMACHO, 2004, p.330).

A palavra “juventudes”, propriamente posta no plural, também é usada por Dayrell (2009, p. 20). Segundo o autor “há juventudes, pois esses meninos e meninas têm vários pertencimentos e posicionamentos sociais”. Sendo assim, o termo colocado no plural, denota a existência de múltiplas construções identitárias, diversas realidades e contextos históricos diversificados. Sendo assim, esse estudo revelou-se importante por suscitar o debate teórico acerca das concepções de juventude, mas, sobretudo, por se propor a compreender como é ser jovem a partir da escuta dos próprios sujeitos.

Diante disso, neste estudo delimitou-se como questão problema central: de que maneira jovens estudantes ribeirinhos compreendem a juventude? Tendo em vista essa problemática, definiu-se como objetivo geral compreender como é ser jovem ribeirinho na escola e de modo específico, buscou-se identificar as singularidades dos jovens ribeirinhos, conhecer as experiências vivenciadas por esses sujeitos no contexto ribeirinho e discutir sobre a diferença de ser jovens do campo e jovem da cidade.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O caminho metodológico percorrido constituiu-se pela pesquisa de abordagem qualitativa. Os estudos de caráter qualitativo consideram que, a realidade pode ser concebida sobre diferentes visões, que buscam retratar ou são impulsionados por diferenciados interesses e propósitos das pessoas (SANTOS, 2000). Teve como enfoque a Fenomenologia Social, tendo em vista que fatos simples e comuns do mundo da vida cotidiana podem ser tratados analiticamente, à medida que o sujeito investigador empreende um olhar crítico e reflexivo sob as ações humanas (BASSALO et al 2019).

Partindo da premissa de que a construção do conhecimento de interesse dessa investigação poderá ser alcançada a partir da escuta dos sujeitos jovens, utilizou-se a Entrevista Narrativa como técnica de reunião de dados. De acordo com Weller (2015) os princípios básicos dessa técnica de coleta de dados, pretendem romper com a rigidez das entrevistas estruturadas e proporcionar textos narrativos sobre as experiências vividas, que nos possibilitam identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências. A interpretação das entrevistas narrativas se deu por meio do Método Documentário. Conforme propõe o método, o pesquisador deve desenvolver interpretações formuladas e refletidas sobre as narrativas e/ou práticas cotidianas, tendo em vista a apreensão dos diferentes sentidos que as ações expressam (WELLER, 2005).

Foram considerados como fontes as narrativas de 6 jovens ribeirinhos estudantes do Ensino Médio que, na ocasião da pesquisa, tinham entre 17 e 20 anos de idade. A escola de Ensino Médio localizava-se na Vila Maiauatá, no município de Igarapé-Miri, nordeste do Pará. Vale ressaltar que os jovens participantes tiveram suas identidades preservadas e, portanto, foram chamados neste estudo pelos nomes André, Bia, Carol, Davi, Eli e Fabi.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para dar início às entrevistas, os jovens estudantes foram convidados a narrar sobre como é ser um jovem ribeirinho. Para André, ser jovem em uma comunidade ribeirinha não é tão difícil, porém, também não é tão fácil. Os jovens Bia, Carol e Davi também declaram que não é fácil e justificam essa afirmativa fazendo uma comparação com outros jovens da cidade, baseando-se nas dificuldades enfrentadas, por exemplo, por aqueles que desejam ingressar no Ensino Superior, pois nas ilhas não existem escolas de Ensino médio, tampouco universidades.

Apresentando um posicionamento semelhante, Fabi ora diz que é bom ser jovem em sua comunidade, pois vive momentos de diversão com os amigos nas águas dos rios, ora diz que não é tão bom assim, pois o mesmo rio lhe distância de outros lugares onde poderia viver novas experiências. Por outro lado, Eli afirma que não é tão interessante assim ser jovem em sua comunidade, já que não há mais ninguém que compartilhe dessa condição juvenil.

Partindo do pressuposto de que a realidade e o modo de ser/viver dos jovens urbanos e jovens do campo são diferentes, os participantes foram solicitados a falar sobre o cotidiano e as atividades que realizam nas comunidades ribeirinhas. Diante das narrativas, pôde-se verificar que o dia-a-dia em uma comunidade ribeirinha, narrado por jovens que fazem parte dessa realidade, nos leva a imaginar que se trata de uma vida muito simples e tranquila.

Segundo Davi e Carol, pela manhã, os homens trabalham na agricultura familiar, enquanto que as mulheres ficam em casa realizando tarefas domésticas. No turno da tarde, todos os estudantes ribeirinhos fazem um percurso exaustivo de barco pelo rio para ter acesso à escola, localizada na Vila Maiauatá. E durante a noite, devido à falta de energia elétrica nas ilhas, não há muito que se fazer.

Observou-se que a participação no grupo de jovens da igreja, conforme relatam Bia e Fabi, é a principal atividade que permite a sociabilidade entre os jovens. No entanto, em nenhum dos relatos foi possível identificar falas que apontassem que os jovens frequentam ambientes como praças, baladas ou restaurantes – espaços muito frequentados por jovens da cidade.

De acordo com André e Eli, o lazer se limita aos períodos em que ocorrem as festividades em homenagens aos santos pelos quais a comunidade católica tem grande devoção. Contudo, esses festejos são realizados poucas vezes durante o ano, assim, no restante dos dias, os jovens não têm muitas opções de espaços para entretenimento. Das falas dos entrevistados, chamou atenção o fato de que apenas no discurso de Eli verificou-se que a jovem reserva um tempo do dia para realizar as tarefas escolares. Apesar dos jovens reconhecerem a importância de “se dedicar nos estudos” – como apontam no decorrer da entrevista - pressupomos que a construção de conhecimentos está limitada ao espaço/tempo institucional escolar.

Em seguida, solicitou-se que os entrevistados relatassem como é ser jovem ribeirinho na escola. Essa condição de jovem estudante ribeirinho é descrita por André e Carol como algo de muito valor. Os jovens anunciaram que, diferente de outros estudantes ribeirinhos que preferem esconder sua identidade, ele sente orgulho de dizer que é ribeirinho. Tal como os jovens das grandes cidades utilizam acessórios como bonés e piercings para indicar à sociedade o grupo com o qual identificam-se, André apresenta os costumes e saberes da cultura ribeirinha como fator de influência na construção de sua identidade.

Na fala de Bia, é possível verificar que a estudante se sente em desvantagem em relação aos alunos da cidade e revela ser deixada “em escanteio” em algumas situações na escola. Outro impasse elencado por Bia e, enfatizado também por Fabi, diz respeito às críticas negativas recebidas devido as jovens estudantes serem moradoras de comunidades ribeirinhas. No posicionamento de Davi e Eli, pôde-se compreender que a rotina dos jovens ribeirinhos na escola é diferente da rotina dos jovens da cidade. Melhor dizendo, trata-se de realidades distintas que refletem no valor atribuído a escolarização.

Quanto à relação entre jovens ribeirinhos e jovens da zona urbana, Eli nos revela duas questões diferentes: o preconceito linguístico praticado por estudantes da cidade e o favorecimento dos mesmos em detrimento dos jovens ribeirinhos na escola. Relatou que a escola trata de diferente forma os alunos oriundos das ilhas. As jovens Bia e Carol, à princípio, negam que o tratamento é diferente, entretanto, em seguida, afirmam que são alvo de piadas. No entanto, de acordo com Bia, os estudantes conseguem superar esse preconceito e buscam estabelecer vínculos de amizade com os demais jovens.

Sob outra perspectiva, os jovens André e Davi indicam que mantêm uma relação afetuosa com os jovens urbanos e não relataram nenhuma situação de conflito entre os estudantes. Do mesmo modo, Eli não sinaliza qualquer experiência de preconceito vivenciada, entretanto, enfatiza que na escola somente dialoga com estudantes ribeirinhos. Assim, pôde-se supor que ou a estudante não se sente à vontade para se relacionar com jovens inseridos em uma esfera social diferente da qual pertence, talvez por receio de não ser aceita, ou pode tratar-se de uma jovem tímida, sem pretensão de se inserir em novos grupos juvenis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dessa pesquisa, pôde-se constatar a incoerência em julgar a juventude baseando-se em um único padrão preestabelecido, afirmando que todos os jovens se incluem em uma mesma categoria, compartilham os mesmos interesses e apresentam as mesmas dificuldades. Entendeu-se que os jovens são sujeitos históricos, que vivem o presente, são heterogêneos, com diferentes gostos e identidades, construídos a partir de experiências de socialização em diversos contextos sociais.

Compreendeu-se que, na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar na sua experiência escolar e os sentidos atribuídos à escolarização.

Notou-se a importância de desconstruir a imagem criada de “jovem ideal”, para permitir a disseminação da concepção de que existem diferentes modos de ser jovem, levando-se em consideração a diversidade de gênero, cultura, território, religiosidade, classe social, raça que constitui os indivíduos. Não obstante, é fundamental desconstruir essa imagem de “juventude problemática” que transita entre os docentes e os demais agentes escolares, a fim de possibilitar que os jovens estudantes se reconheçam como sujeitos capazes de sugerir e promover melhorias na qualidade da educação.

Diante dos dilemas elencados nesse estudo, julgou-se necessário que os professores reflitam sobre sua atuação em um cenário juvenil e considerem como crucial a elaboração de estratégias de aproximação com esse público, no sentido de conhecer e reconhecer os jovens estudantes com os quais lidam todos os dias, atentando para suas particularidades e anseios.

**Palavras-chave:** Juventude; Jovens ribeirinhos; Escola.

## REFERÊNCIAS

- CAMACHO, Luiza M. Y. **A invisibilidade da juventude na vida escolar.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 325-343, jul-dez. 2004.
- DAYRELL, Juarez. **Juventude e Escolarização:** os sentidos do Ensino Médio. 2009.
- SANTOS, Antonio Raimundo. **Metodologia Científica:** a construção do conhecimento, 2000.
- BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; CARRERA, Ana Daniele Mendes; SOUZA, Alessandra de Almeida; SOUZA, Mayanne Adriane Cardoso de.. A fenomenologia social e a investigação qualitativa da educação: reflexões iniciais. In: PIMENTEL, Adelma; MALCHER, Nazareth (Org.) **Diálogos Interdisciplinares em Saúde.** 1.ed. Belém: UFPA/ IFCH/ PPGP/ NUFEN, 2019.
- WELLER, Wivian. **Tradições Hermenêuticas e Interacionistas na Pesquisa Qualitativa:** a análise de narrativas segundo Fritz Schutze. Brasília, 2015.
- WELLER, Wivian. **A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa:** aspectos teóricos e metodológicos. Sociologias. Porto Alegre, n. 13, p. 260-300, jan/jun. 2005.